

Movimentos instituintes e suas experiências na formação continuada de professores

João Ignácio de Medina*

Resumo

A presente comunicação fundamenta-se em recente participação como consultor de uma ação piloto de formação continuada de professores do futuro Centro de Memórias da Educação e da Cultura dos ministérios da Educação e da Cultura em convênio com a UNESCO. O eixo escolhido para ser apresentado fez parte de minhas atribuições: a relevância dos movimentos e experiências instituintes no sistema escolar e em especial o sistema público de ensino brasileiro. Por descortinarem uma série de possibilidades e fazeres educacionais outros que não visam atrelamento com nenhuma forma de pensar fixa ou muito menos inserida na lógica de mercado que instrumentaliza algumas das possíveis soluções para as questões da educação nacional.

Inspirado em minha recente experiência como consultor da UNESCO junto a REMEC – Rio (2010-2011) na ação piloto de formação continuada de professores do futuro Centro de Memória da Educação e Cultura dos Ministérios da Educação e o da Cultura entendo que os movimentos instituintes¹ e suas experiências podem e devem ter papel importante no cotidiano do ensino de história. Por possibilitar a abertura de uma gama de caminhos outros a serem traçados no fazer educacional tornando-se um manancial de conteúdos, mas principalmente de práticas que visam à autonomia e a democratização de nossa sociedade. Na construção ação piloto de formação continuada do futuro Centro de Memória eu e mais 12 consultores de múltiplas formações passamos os últimos meses em uma série de debates sobre o papel dos educadores e da sociedade no ensino público brasileiro. Formações e experiências pessoais, acadêmicas e profissionais de diversidade importante para fazer jus ao espírito da experiência instituinte e a proposta de aplicá-la em suas mais diversas formas no sistema escolar. A partir deste futuro pólo irradiador de saberes e memórias educacionais e culturais atrelamos nossas discussões a história da futura sede do mesmo a ser localizar no

edifício Palácio Gustavo Capanema na cidade do Rio de Janeiro. Prédio o qual marca de sobre maneira as potencialidades e projetos múltiplos existentes na república e em especial na era Vargas, apesar da ditadura do Estado Novo, em campos como da arquitetura, das artes plásticas, da saúde e da educação. Contrária por tanto a alguns dos projetos presentes na ditadura estadonovista e em especial do então Ministério da Educação e Saúde – MES apoiados em certa medida pelos setores mais conservadores da sociedade.

A ação piloto a qual fiz parte e me inspira a irradiá-la foi construída de maneira coletiva, democrática, aberta e sensível sob a batuta da professora Célia Linhares e fundamentada em quatro caminhos principais política, memória, artes na educação e movimentos instituintes e suas experiências. Caminhos os quais foram percorridos mais ou menos intensamente por todos os consultores envolvidos e que a mim coube maior atenção a questão instituinte, seus movimentos, suas experiências dentro do sistema público de ensino. Sobre a ação piloto cabe mais um esclarecimento ela atualmente se encontra temporariamente suspensa devido à reestruturação do MEC e a contenção de gastos do Poder Executivo. Todavia deve ser retomada ainda durante este ano de 2011 e possivelmente com o Centro de Memória consolidado e coordenando as ações que faltam bem como novas atividades em prol da educação e da cultura.

A história e seus professores contribuem mais especificamente para o processo instituinte com a valoração e valorização de conteúdos locais e/ou regionais de fundo histórico que se tornam parte dos pilares de outros caminhos para a educação bem como para a sua própria formação continuada. Os eixos ou conteúdos pedagógicos a serem tratados na formação continuada de professores a partir da temática das experiências instituintes têm como essência a modificação do lugar destinado aos educadores dentro do processo educacional. A experiência instituinte e seus movimentos se constituem em instrumental para a reflexão crítica no local em que se encontra a comunidade escolar e em meios para dar voz as singularidades e pluralidades existentes. Este processo reflexivo põe os professores e sua comunidade escolar – educadores, funcionários, alunos e suas famílias – em um protagonismo social fundamental para construir e reconstruir a educação de acordo com as demandas de cada local. Sem pré determinar

fórmulas ou caminhos para cada comunidade escolar dando amplo espaço para cada comunidade escolar suas demandas, histórias e sua diversidade.

Na formação continuada de viés instituinte se processa então uma inversão de lógicas comumente arraigadas sobre a importância do professor como ator social, não apenas no cotidiano escolar, mas também na formulação de conhecimento, saberes e políticas pedagógicas. A academia e as autoridades estatais passam a dividir com a comunidade escolar tais formulações no intento de dar vazão a uma educação zelosa e respeitosa às singularidades e pluralidades sociais que por vezes são marginalizadas ou suprimidas pela série de práticas existentes no sistema escolar como um todo. Ao focar na comunidade escolar com local privilegiado a experiência instituinte almeja contribuir para a construção de um fazer educacional de forma coletiva e democrática por ter como base as necessidades e peculiaridades de cada comunidade escolar. Teoria e prática se entrelaçam com um novo componente a subjetividade, ou melhor, a sensibilidade, ou ainda, o afeto para caminhar por antigos e novos caminhos com um olhar diferenciado de encantamento pelo mundo que cerca nossas comunidades escolares e nossos educadores. Por meio da experiência instituinte e de seus movimentos se tornaram possíveis a abordagem dos seguintes eixos ou conteúdos pedagógicos:

1. Experiências instituintes e seus movimentos como meios de valorização, reflexão, construção de conhecimentos e saberes na educação visando a articulação de toda a comunidade escolar e a construção de um novo lugar no planejamento e na tomada de rumos da educação pública;
2. Experiências instituintes e seus movimentos como instrumental para se resignificar singularidades e pluralidades existentes em cada comunidade escolar como questões relacionadas a gênero, religiosidade, etnicidade, cultura local e/ou popular;
3. Experiências instituintes e seus movimentos como via para a conjugação de novas práticas e lugares para o ensino tendo como referência a escola pública.

A escola que anteriormente estava estruturada para conformar em um molde único os mais diversos tipos de indivíduos devido a forma de pensar a si mesma e ao ensino oferecido, modifica-se. A comunidade escolar ganha uma dimensão de produtora

válida de conhecimentos, saberes e práticas pedagógicas e de democracia. Ao adotar a lógica da experiência instituinte se recusa a ficar em segundo plano em relação aos rumos do ensino ou mesmo da sociedade. A comunidade escolar passa a um papel ativo e suscitador de discussões não mais sendo alvo e ou reproduzidor de uma educação conteudista e/ou bancária. Partindo da premissa da experiência instituinte os professores e seus alunos passam a uma prática coletiva de reconstrução de saberes dentro das necessidades da sociedade, sem isso significar um atrelamento a lógica capitalista de resultados e produtividade e sim uma satisfação das pluralidades sociais existentes em nossa sociedade. O ensino procura novos caminhos diferentes dos tradicionalmente pensados ou reproduzidos na cultura escolar onde ao longo do tempo “As camadas populares historicamente recebem uma educação diferenciada da camada dominante não no sentido de busca de sua identidade cultural, mas no sentido de submissão a esta.” (OLIVEIRA, 2007 p.165).

Sendo a experiência instituinte na educação uma prática desafiadora de toda e qualquer forma de cristalização de fórmulas e imposições de cima para baixo onde a solução de problemas normalmente é proveniente de fora da comunidade escolar sem o diálogo necessário para a construção de conhecimento e de saberes, a questão instituinte expõe em sua essência um desejo, uma vontade de um fazer pedagógico diferente. Buscando sempre um deslumbramento constante em relação à prática educacional dando indicações para uma real inserção das diferenças e pluralidades existentes não apenas na comunidade escolar bem como na sociedade.

A comunidade escolar passa a ser vivida, pensada e estruturada de maneira mais plural e democrática contribuindo para o enriquecimento social, político e cultural do país, pois os indivíduos envolvidos tornam-se atores sociopolíticos atuantes não apenas na esfera educacional, mas em todas as demais esferas sociais. Cientes que o papel social a eles apresentado, ou melhor, reservado não constitui uma camisa de força, mas representa um ponto de partida sem perder suas identidades, mas agregando novas formas de pensar e de fazer na busca por uma sociedade mais justa e plural.

Todavia por ser uma mudança de enfoque do geral (políticas e teorias) para o local (comunidade escolar) as experiências instituintes são suscetíveis a alguns problemas. O debate de tais experiências e sua divulgação carece de maior estruturação,

para que os movimentos e experiências instituintes engendrem uma mudança mais eficaz e duradoura nas políticas públicas de ensino bem como nas teorias. As possibilidades para tal estruturação não ficam restritas apenas a questão institucional de autoridades reconhecerem e estimularem a divulgação cada comunidade escolar pode dispor de suas relações social para tal divulgação, utilizando-se de meios diversos como a internet e eventos abertos a sociedade, autoridades, academia etc. Entremeando as diversas experiências e movimentos instituintes existente no ensino público possibilitando também uma formação de educadores de maneira contínua e não bancária. Experiências instituintes como a Escola Cabana em Belém do Pará onde uma gestão inclusiva e democrática faz parte do cotidiano da comunidade escolar. Por meio de fóruns e colóquios suas experiências e rumos são analisados e definidos gerando espaço para a inclusão cada vez maior de diferentes níveis de singularidades e saberes dentro da escola. Outro exemplo são as escolas que atendem as comunidades indígenas – com os Guarani no estado do Rio de Janeiro - que se adéquam a cultura de cada povo não impondo a rigidez de horários e de cerceamento do ir e vir do aluno durante as aulas dos professores. Além de valorizar e preservar sua memória, hábitos, tradições, língua e história crendo em outras formas de ensinar e de ver o futuro. Indo contra a lógica fragmentária existente em diversas políticas educacionais de governos que descontinuam, desvalorizam e desqualificam qualquer experiência de cunho instituinte realizada por uma gestão anterior de algum adversário político. E contra também a percepção que o ensino público é de baixa qualidade e assim continuará pela inércia do conformismo que tal tipo de percepção produz:

“O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser. Um dos piores males que o poder público vem fazendo a nós, no Brasil, historicamente, desde que a sociedade brasileira foi criada, é o fazer o risco de, a custo de tanto descaso pela educação pública, existencialmente cansados, cair no indeferencismo fatalístico cínico que leva ao cruzamento dos braços. “Não há o que fazer” é o discurso acomodado que não podemos aceitar.” (FREIRE, 1999 p.38).

Como pode ser percebida a experiência instituinte na educação se dá por meio de um processo coletivo contínuo da comunidade escolar no cotidiano do ensino, buscando o diálogo entre os educadores e a sociedade para perceber as necessidades de cada comunidade escolar. Necessidades estas a serem trabalhadas dentro da escola de forma a respeitar e valorizar a pluralidade existente em cada localidade ou região. Tendo como eixos norteadores, a ética e a tolerância, as experiências instituintes significam a sensibilização do educador e da estrutura escolar ao outro, o diferente, que inicialmente não está necessariamente contido no currículo ou nos programas das disciplinas. Sensibilização esta que por mais difícil e desafiadora que possa ser, devido ao cenário de desvalorização da educação formal e de seus profissionais, tem um potencial transformador gigantesco em prol de uma sociedade crítica, cidadã e plural.

O que se propõe por meio da experiência instituinte na educação é uma mudança de atitude e de foco por parte de todos os envolvidos no processo educacional. Ao propor caminhar junto aos anseios e aos desejos de inclusão da diversidade social existente no país o que está sendo posto em prática é a construção cotidiana de um fazer pedagógico a partir da comunidade escolar. Onde o educador e seus alunos passam a construir meios diversos e mutantes para abarcar suas necessidades e visões de mundo. Sem impor um modelo pré-fabricado ou inadequado a realidade de cada comunidade escolar como muitas vezes ocorreu nas diversas reformas educacionais no Brasil ou mesmo na relação escola – academia; a comunidade escolar deixa de ser um local de depósito de novas e velhas teorias de ensino para um local dinâmico de produção de saberes e de diálogo aberto com a sociedade, a academia e mesmo com as autoridades educacionais do aparato estatal.

Tratando de questões da comunidade escolar que acabam por abarcar diversas problemáticas existentes no ensino e na sociedade são postos como protagonistas os professores e os alunos. Não significando, contudo que as experiências instituintes necessitem de apoio oficial de políticas de governo para existirem e se consolidarem como maneiras alternativas de ensino e de estímulo a formação continuada dos professores, a experiência instituinte trabalha a partir do local, pensando a junção de teoria e prática na criação de saberes tendo como protagonistas educadores e educandos. Dinamizando a atuação de todos no processo educativo lançando bases para uma

construção de percepções não limitadas a única e exclusivamente ao pragmatismo tecnicista do mercado de trabalho. Tanto no que se refere aos alunos quanto aos professores a formação de ambos deve estar pautada no respeito à pluralidade, a singularidade e as práticas inclusivas e democráticas. A comunidade escolar em sua plenitude cria e recria caminhos a serem trilhados não delegando a terceiros a transformação do ensino, reconhecendo que as experiências instituintes, em quanto movimento social, lutam por direitos, reconhecimento e maior participação na sociedade.

Bibliografia:

ARAÚJO, Luiz Escola Cabana: um exercício de cidadania. IN: www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1400 (acessado em novembro de 2010).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GUERREIRO, H. A Lei 10.639 de 2003 como Ação Afirmativa na Luta contra a Discriminação no Currículo Oficial. IN XAVIER, Gelta (org) *Curriculistas como dirigentes políticos: rupturas teórico-práticas com as prescrições oficiais para o currículo*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2007 [pp.93-121].

LINHARES, Célia Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. IN: *Revista de Educação Pública – Cuiabá – v. 16, n. 31 – maio/agosto 2007* [pp.139-160].

_____. O sonho não acabou: movimentos instituintes na educação brasileira. IN: CARNEIRO, Waldeck; CHAVES, Iduína M.; LINHARES, Célia; COSTA, Valdelúcia A. (org.) *Movimentos Instituintes em educação: políticas e práticas*. Coleção Educação e Vida Nacional nº1, Niterói-RJ: Intertexto, 2010, (p.11-32).

_____; e GARCIA, Regina L. *Observando jardins num chão de escolas*. Mimeo.

MONTEIRO, Ana M.; GASPARELLO, Arlete M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (orgs) *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

NOSELLA, Paolo. *A Escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

PAIM, Elisa A. Do formar ao fazer-se professor. IN: MONTEIRO, Ana M.; GASPARELLO, Arlete M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (orgs) *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007 [pp.157-171].

REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

OLIVEIRA, Geórgia. Comunidade + Creche + Sujeitos = Ações: a Matemática das Relações. IN: XAVIER, Gelta (org) *Curriculistas como dirigentes políticos: rupturas teórico-práticas com as prescrições oficiais para o currículo*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2007 [pp. 153-172].

OSTETTO, Luciana E. (org) *Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VALLE, Lilian do Democracia e movimentos instituintes. IN: *Revista Brasileira de Educação* – v. 11, n. 33 – set./dez. 2006 [pp.540 – 566].

XAVIER, Gelta (org) *Curriculistas como dirigentes políticos: rupturas teórico-práticas com as prescrições oficiais para o currículo*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2007.

Sites

<http://www.conexaoaluno.rj.gov.br> (acessado em novembro de 2010);

<http://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/educacao-escolar-indigena/referencial-curricular-nacional-para-escola-indigenas> (acessado em novembro de 2010);

http://www.socioambiental.org/prg/xng_b1.shtm (acessado em novembro de 2010)

* Mestre em História Comparada pelo PPGHC – UFRJ, graduado em história pela UFF. Correio eletrônico: jigmedina@gmail.com

¹ Para aprofundamentos sobre o conceito acessar a obra da prof^ª Célia Linhares.